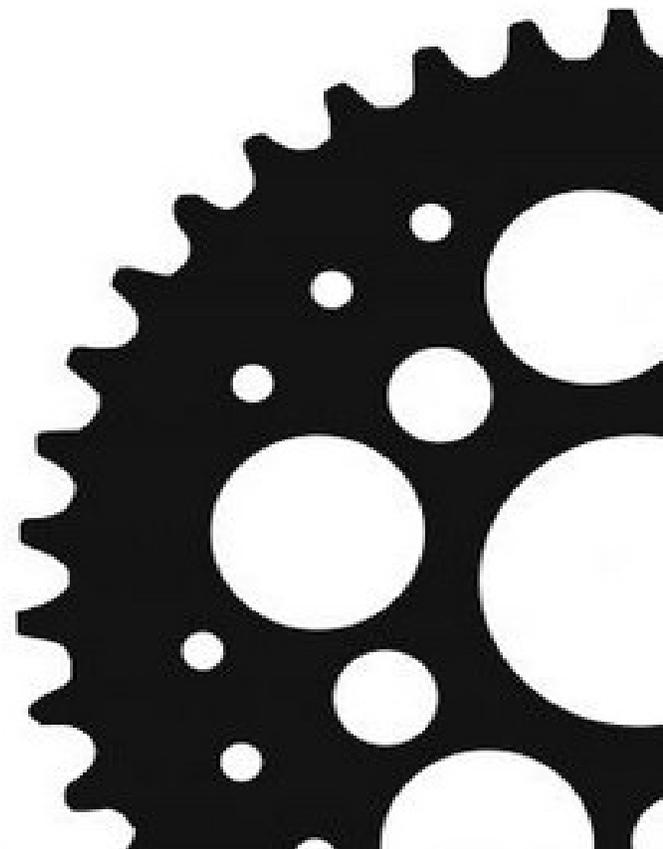


RODA DENTADA

Ana Maia



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



RODA DENTADA

By **Ana Maia**

Copyright 2013 Ana Maia

Smashwords Edition

Sentando-se na sua cadeira de velho, não pôde deixar de ouvir – embora fosse já fraca a audição – o estalar dos seus ossos. O seu próprio peso esmagava as suas articulações, sabia-o, mas não podia ignorar que poderia ser o estalar do coração.

José via pela janela todos os dias os ramos da mesma laranjeira, o mesmo chão de cimento, o portão ocre enferrujado, o tecto improvisado dos arrumos de blocos de cimento crus. Apoiando as mãos sobre a mesa sem verniz pensou que desde o dia da chamada Libertação se sentia um rato. Sabia não ser sua a culpa e que tinha o dever histórico de não retirar a própria vida quando essa não havia sido tirada por outros.

Não seria ignorado, figuraria sempre nos volumes de História Nacional. Dedicar-lhe-iam um capítulo de 28 anos. Salvaguardá-lo-ia a neutralidade histórica, que se faria usar eufemismos. Nunca “asfixia”, talvez “rigor”, “perseguição” jamais, “vigilância”. Condescendentes, achava. Sabia o que fizera e fizera-o por si, conhecendo toda a vileza de que era useiro, encarando-a de frente. Sempre fizera o que pudera e é esse o limite da ignomínia. Não pode um homem fazer tudo o que pode, mas tudo o que deve. José sempre sentiu o dever de poder e era a traição desse propósito que o esmagava contra a cadeira insignificante daquela casa de subúrbio da capital. Já esquecera a poltrona do palácio a poucos quilómetros a norte, não o incomodava o vime na vez do veludo, tudo isso era uma realidade com a qual aprendera displicentemente a conviver havia quinze anos. O que o atordoava era a vida, no seu sentido exacto. Era vivo e tal não era digno de um chefe de tão forte mão. Sentia a sua longa vida como um insulto à sua memória histórica, sentia haver falhado o dever alheio da sua aniquilação. O que desejava era uma grande conspiração, envolvendo tantos dos bons democratas que o haviam deposto, com o objectivo da sua morte. Tal não só contaminaria a suposta bondade dos heróis com a baixeza de que ele próprio é acusado – tal tornaria a sua morte tão grande como a sua vida.

Durante os últimos quinze anos, José architectou cinco planos de suicídio com contornos de homicídio de aparente escala conspirativa, tendo reconhecido que todos esses continham falhas que um bom agente policial rapidamente detectaria, expondo a sua memória ao ridículo de um homicídio forjado. O suicídio simples sempre considerara coisa indigna. Lutaria pela sua vida, mesmo a não querendo. A sua morte dizia ser “uma inevitabilidade com a qual se debateria até à última gota de sangue que lhe bombeasse o coração” mas com uma inconfessável falta de convicção. “A verdade é uma mentira não desmentida”, preferia. Sentia-

se satisfeito com a busca de um homicídio forjado e com tal ia ocupando grande parte do tempo até então.

Fitava o portão, de onde esperava ver surgir Marília. Esta desconhecia todo o desvario de grandeza fatídica com que se entretinha José, limitando-se a uma visita diária de quinze minutos, em que trazia o pão e fazia uma rápida limpeza do aposento do ex-ditador. Não sentia por José a menor compaixão, este nunca lhe mostrara simpatia. José mantinha muito poucos laços com o exterior: Marília, Raúl, o dono da tabacaria, e dois assistentes do seu antigo governo, o Albergaria e o Ribeiro. No entanto, vivia no que chamava “estado de fama invisível”. Todos o reconheciam, certamente, sabiam quem era, mas desse facto nada proveio durante quinze anos, nem tão-pouco uns meros insultos proferidos na rua por desconhecidos cuja vida de pai ou mãe havia indirectamente roubado.

Os seus planos conspirativos sempre foram dificultados por essa gritante discrição, pela precaridade da sua rede social. É certo que teria, em teoria, inimigos, mas desconhecia os nomes menos evidentes, aqueles que, sub-reptícios, representavam os papéis fulcrais no bastidor democrático. Seriam esses que deveriam ocupar-se do seu aniquilamento; os seus nomes serão, provavelmente, desconhecidos até do próprio primeiro-ministro, pensava José. Nem Albergaria nem Ribeiro mantinham qualquer tipo de relação com o actual governo – eram como ele, invisíveis. Os seus únicos vínculos com a instituição democrática eram as pensões que recebiam e, até essa esmola, nem generosa nem somítica, esmagava José que, no seu auto-conceito acreditava ser de seu direito ser miserável ou glorioso, nunca o meio-termo constrangedor a que parecia afinal estar destinado.

Em quinze anos delinearara cinco planos que envolviam nomes graúdos do panorama político da época. Estranhamente, embora fosse o seu desejo mais profundo o de ter na História descrita uma cabala de proporções épicas relacionada a sua morte, ao mesmo tempo nutria apego pela manutenção indeterminada dessa ideia – era um objectivo cujo resultado era incondicional para si, um fim, na verdadeira acepção da palavra, que depois de atingido reservava em si algo que esperava seguramente: o mais absoluto nada. Embora fosse para José-morto indiferente o futuro terreno póstumo que implicaria a notícia, José, em vida, não conseguia alienar a ideia de ter de ser garantido o sucesso do plano final. Preferia morrer doente a morrer exposto e paradoxalmente alheio ao ridículo que ele próprio cultivara. Corria ambos os riscos.

Marília chegara, finalmente, trazendo consigo um saco de pão e outro cujo conteúdo deixava revelar embalagens de detergentes. Abriu a porta, fazendo ranger as tábuas velhas do chão da entrada ao pisá-las. José não desviou o olhar da janela, como se não fosse ela quem esperasse, soltando um seco “bom dia” em resposta à saudação homófona da serviçal. Sobre a mesa estava um bloco, um lápis e uma caixa de cigarrilhas. Abriu a caixa e colheu uma, que

instintivamente levou à boca. Podiam passar-se horas até que resolvesse acendê-la, acabar com ela. Tinha esse instrumento de morte lenta o vício da vida prolongada, pensou. Em muitos aspectos a cigarrilha lhe evocava a sua própria condição de cadáver adiado.

Acendeu-a, por fim. Pegou no casaco que estava nas costas da cadeira, colocou o seu bloco de notas e um lápis no bolso e saiu.

O tempo estava nublado, ameaçava chuva. Percorrendo a sua rua, sorvendo a última cigarrilha, parou dois quarteirões a norte, na tabacaria. Estacando debaixo do coberto procurou Raúl. Na sua vez estava um espécime da sua prole.

- Bom dia. O seu pai, não está?
- Não pôde vir.
- Queria uma caixa de cigarrilhas, por favor. Mas o que tem ele?
- Das vermelhas?
- Sim.
- Crise.
- Foi grave? – preparando a quantia.
- O costume, o coração é que se ressentia cada vez mais.
- Obrigado. - tomando em mão a caixa – Quando estará de volta?
- Amanhã, possivelmente. - respondeu a moça feia.
- As melhoras.

Raúl tinha aproximadamente a sua idade e era com ele que costumava comentar os títulos dos jornais da sua banca. Ausentava-se por vezes, devido a crises de ansiedade que lhe provocavam taquicardias. O seu coração ressentia grandemente esses acessos.

Antes de avançar, José deu uma mirada às primeiras páginas dos jornais e concluiu que nada de sumarento seria digno de comentário. O crime era incomum, pelo que quando ocorria era notícia. Nesse dia, nenhum fez a primeira página. A democracia em que viviam era como torazina. O gentio há muito havia esquecido a transgressão, trocando-a pela paz e pela conformidade que imperava. Isso agastava José, que acreditava ser o único cujos instintos não haviam sido convertidos em torpor.

A sua marcha em direcção a casa de Alcino Ribeiro, cabeça da sua antiga policia política, era uma actividade rotineira. O antigo nome da sua rua, Rua Dr. Alcino Ribeiro, fora trocado, sem ironia, para Rua do Relógio. Era como se a História – quer o antigo estado, quer a vitória da Libertação – tivesse sido ignorada, como se tivesse sido banido o direito à exclamação, mas sem um acordo, numa decisão tácita unânime. José considerava a falta de emoção adjacente à mudança justificação bastante para a sua inexistência. Sabia que antes da revolução as pessoas sentiam fé, revolta ou tristeza, daí ter surgido a necessidade de revolução. Mas agora não via qualquer manifestação emotiva, não se lia vitória no nome dos monumentos ou das ruas. Existia um dia de celebração nacional da liberdade, mas não era

feriado e a única “celebração” era a da classificação do nome do dia. A democracia era tida como algo tão natural como a lei selvagem (a lei do mais forte, agora unicamente natural para o ex-ditador), logo escusado seria apontá-la ou relembrá-la. José sentia a sua derrota como um desperdício universal, já que era agora júbilo de ninguém. A mudança era visível apenas por oposição ao passado: era insípida. Não existia por que lutar, concluía. José era consciente de que jamais conseguiria a organização de um golpe de estado, devido ao seu grau de solidão e à idade avançada, mas não era, de todo, alheio à fragilidade de um postulado. Não obstante, tinha uma luta individual por pelejar – a de uma morte honorífica. Essa batalha reflectir-se-ia no desfecho favorável do seu rumo pessoal e faria abalar a que julgava paz podre da Democracia.

Alcino nem sequer trocou de morada após a revolução. Não foi julgado, a sua família não sofreu represálias, não foi forçado, com os seus, ao exílio. José não sabia exactamente quantas vítimas tinha feito o seu regime, mas em 28 anos sabia haver mais que tempo para sacrificar umas boas centenas de conspiradores. Não existia um monumento com o nome das vítimas, como seria esperado, e Alcino, o responsável directo por essas mortes, não sabia quantas havia provocado, visto quase a totalidade dos documentos referentes à Polícia Política da Roda Dentada (PPRD) estarem presentemente em posse do actual Ministério da Defesa. Agora pouco interessavam as vítimas mortais, interessavam os vivos, os mortos-vivos.

A Rua do Relógio era uma rua importante nos arredores da capital. Larga, movimentada, com já gordas árvores a ladeá-la. O relógio que havia baptizado a rua estava no alto de uma torre de ferro construída com o propósito de o sustentar e de oferecer uma humilde vista para a cidade do seu topo. José passou o relógio, atirando a beata de mais uma ex-cigarrilha contra um dos postes e desceu dois quarteirões até à morada de Alcino. Nunca perdera o hábito de tocar três vezes à campainha e de contar até vinte lentamente durante a espera, depois da qual, se não obtivesse resposta, sentiria uma enorme impaciência por abandonar o local. Poucas foram as vezes durante o regime em que isto realmente lhe sucedeu, devido ao grau do seu cargo, no entanto eram procedimentos corriqueiros entre os seus colaboradores. Agora cumpria-o como um ritual de homenagem ao eu passado que não jazia em movimento.

Alcino vivia só. Abriu a porta, envergando o seu costumeiro uniforme composto por robe e chinelos, avançando imediatamente para o mesmo sítio de onde José não o vira surgir. Empunhava já o velho cachimbo, libertando a normal nuvem de fumo que o envolvia. José fechou a porta, seguindo-o. Ambos se instalaram na sala de jantar. Sentando-se, o ex-ditador fitou o seu amigo.

- Tenho uma coisa para te mostrar.

Alcino nunca se entusiasmou com nenhum dos planos que lhe foram apresentados, nunca se esforçou sequer por discuti-los. Nenhum tinha tido qualquer repercussão e antevia que nenhum viria a ter. Desvaneciam-se lentamente em José sem exposição a qualquer factor externo que tal pudesse causar.

Alcino conhecia o seu passado profissional através da invocação de José, de pouco se lembrava, antes da convivência com ele, do período pré-revolução. Tinha uma série restrita de memórias de cuja veracidade duvidava, resultantes dos relatos intensivos do seu amigo durante a última década. Outras dessas lembranças sentia ter realmente vivido, mas nunca perdendo a sensação de observador exterior. Não se identificava com os propósitos existenciais de José, embora fosse para si quase indubitável que o seu passado correspondesse na realidade ao que ouvia por ele descrito. Prezava a sua relação com o ex-ditador por ser a sua única conexão com a parcela do passado que a sua memória havia eclipsado. Por vezes questionava-se sobre a razão dessa turvez, mas apaziguava-o o seu diagnóstico clínico, que relacionava esse lapso com o seu consumo abusivo de álcool e com a repressão de memórias traumáticas - explicação que faria todo o sentido, tendo em conta os relatos e invocações de José. No que toca à sua vida pessoal, lembrava-se vagamente da sua família, de fragmentos de acontecimentos marcantes da sua vida, como o seu casamento e o nascimento de um dos filhos. Pouco mais.

A sua perda mnemónica parcial deixou-o indiferente no que respeitava a sua actual vida em democracia, apesar do esforço matinal diário do seu amigo por lhe semear a revolta. Não se sentia conectado à vida exterior o suficiente para que o regime político lhe fizesse alguma diferença. De facto, dava por si a pensar que, caso o regime democrático caísse, por qualquer motivo, com ele cairia o direito à pensão que lhe garantia o sustento. Era uma ideia desagradável. Os planos de José nunca implicaram a destruição do sistema democrático, apenas a sua mazela, e, mesmo sendo o primeiro o caso, não julgava que tal tivesse qualquer base capaz de lhe criar genuína inquietação.

Prestou-se então, nunca afastando o seu inabalável cepticismo, a ouvir o que José tinha a apresentar, não sem antes distribuir o clássico whisky matinal por dois copos.

III

O antigo regime tinha como símbolo gráfico uma roda dentada, alegoria ao progresso, à força, ao trabalho e união. José tinha-a marcada a ferro no pulso direito, tarefa que ele próprio levou a cabo muito antes da sua subida ao poder. Com 15 anos de idade encontrou, por acaso, no jardim da casa da sua avó, uma roda dentada dourada, peça de um relógio em pedaços, de reduzidas dimensões, mas com detalhe perfeito. Guardou-a como um amuleto. A força simbólica daquele objecto foi responsável pelos seus primeiros pensamentos políticos/filosóficos, pelo que não poderia, mais tarde, deixar de implementá-la como símbolo da sua liderança.

Aquando do surgimento da roda dentada, os seus desígnios eram sãos (o inverso seria improvável, tendo em conta a sua tenra idade): uma nação grande, forte, respeitada e una. Só muito mais tarde percebeu que o que determina o carácter de um regime político não são os seus fins, mas os seus meios. Querer conquistar o mundo faz parte da natureza humana, logo vê-se espelhada na vontade das nações: é tão natural como a necessidade reprodutiva que cria extensões de nós próprios. Há quem o busque através da força bruta, outros através da economia ou de popularidade. Menos são os que, como o actual Alcino, querem apenas conquistar a próxima garrafa de álcool e outro nascer do sol invisível por cima de um tecto de betão.

José nunca desejou o impossível, mas sempre o fez em escala proporcional à sua soberba, e disso era consciente. Foi o seu inflado ego que tornou a sua missão torpe a olhos alheios. Na cadeira do poder não era um homem que se lá sentava, mas sim um semi-deus onnipotente. A mesma atitude que o colocara nela depusera-o mais tarde - despontou ao longo dos últimos anos da sua governação um crescente e subliminar descontentamento entre a população que o trouxe à presente miséria. Ajudaram certamente circunstâncias infelizes, como a contenda com o país vizinho, que teve início no excessivo armazenamento de água dos rios que atravessavam os dois países em barragens, com o objectivo de desenvolver uma maior produção de energia para exportação. O único inconveniente, totalmente externo aos problemas nacionais, foi o de diminuir em larga percentagem os caudais no território vizinho. Não terá igualmente promovido a imagem do ditador a invasão de uma província do mesmo país, conhecida por “Cemitério Negro” devido à jazida de petróleo nela contida e aos jazigos por que a última era responsável. O início do fim foi o embargo internacional à energia produzida, que provocou sérios danos na economia interna. Não favoreceu o exército cansado que não entendeu a decisão de manter o conflito armado após o embargo. Para José era uma

questão de mera superioridade, da qual discordavam os populares que à custa dela viram finar-se amigos e familiares.

A PPRD cumpria o seu papel de controlar ímpetos dissonantes. Através da atribuição de prémios aos delatores, colhia informações cuja veracidade era um aspecto de importância relativa. Métodos altamente dissuasores, tais como a tortura ou mesmo a morte dos rebeldes, aconteciam nos numerosos estabelecimentos prisionais distribuídos por todo o território nacional. A aleatoriedade com que eram apontados os traidores minava, a pouco e pouco, a confiança e o amor incondicional ao sistema, implementados por fortes elementos propagandísticos e pelo controlo da entrada e saída de informação pelas linhas fronteiriças. Muito embora tivesse existido um esforço de José por abafar a enorme crise com que se debatia, a população fazia parte de toda a acção, pelo que era tarefa quase impossível. Jogava apenas a favor do ditador a proibição da formação de ajuntamentos e da maledicência relativa às acções governamentais, crimes severamente punidos com as medidas coercivas acima mencionadas.

A consciência colectiva do problema demorou a formar-se. A notícia do embargo não mereceu publicação em qualquer meio de comunicação social interno. Foi suspensa a construção de duas barragens e milhares de postos de trabalho em centrais de transformação de energia deixaram de existir. Assim tomou o povo consciência da enorme crise comercial que o país atravessava, observando o aumento exponencial da taxa de desemprego e a consequente deterioração das suas condições de vida.

IV

Pousando com desassossego o copo de whisky, Alcino interrogou:

- E como chegaste a essa conclusão?
- Enquanto ele falava, eu comecei a tocar nos sítios que ele descrevia e eu próprio senti que também as tinha. Fiquei sobressaltado e pedi-lhe que olhasse. Ele disse que sim, que estavam lá as mesmas marcas, exactamente no mesmo local relativo às dele. Havia pequenas falhas de cabelo a comprová-lo.

Alcino aproximou-se de José e pôde ver, entre os seus ínfimos cabelos o que era inteiramente perceptível: duas pequenas cavidades, com 1 a 2 mm de largura e de profundidade cada, de cor ligeiramente avermelhada, uns dois centímetros acima de cada uma das duas orelhas.

Alcino Ribeiro dirigiu-se ao espelho e começou a procurar, entre os seus cabelos brancos, pelas mesmas marcas. Mal conseguia vê-las, devido ao seu farto cabelo e à sua posição em relação ao espelho. José aproximou-se de Alcino, reposicionando os óculos, de forma a ter a certeza do que estava a ver, e começou a inspecção craniana.

- Cá estão, Alcino.
- E o Albergaria também a tem?
- Sim. Espera.

Continuou a inspecção e notou mais uma marca, desta vez na fronteira medial entre o pescoço e o começo do crânio.

- Encontrei outra que nem eu nem o Albergaria temos. Tens outra destas marcas aqui. - pressionando o exacto local.

- Podem simplesmente não ter reparado que as tinham. Deixa-me ver.

A marca estava também na cabeça de José.

- Cá está também.

Alcino ficou uns segundos em silêncio olhando o vazio.

- Achas possível haver coincidência?

- Não.
- Mas como é que ele descobriu?
- Disse que viu numa radiografia que fez ao crânio, a semana passada. O médico disse-lhe que era defeito da máquina, e que não se preocupasse, mas ele continuou a ter as mesmas dores de cabeça, concentradas precisamente naqueles pontos. Andou à procura de marcas exteriores e encontrou aquelas. Ficou perplexo. As dores de cabeça eram ligeiras, combatia-as com analgésicos, até que resolveu procurar a origem. Falou-me nisso quando o fui visitar, anteontem, devido à singularidade do caso e eu instintivamente levei as mãos aos locais que ele descrevia.

Edmundo Albergaria tinha a mesma sintomatologia de Alcino, as mesmas falhas de memória do tempo pré-revolução. O seu contacto com José era feito maioritariamente através de correspondência e telefone, devido à distância que os separava. Edmundo não vivia na capital, tinha-se mudado após a Libertação para o sul, região manifestamente mais rural, a fim de controlar alguns episódios agudos de ansiedade.

Edmundo Albergaria, o antigo assistente pessoal de José, era o mais novo dos três, com apenas 52 anos. Vivia também só, abandonado pela esposa. O estado clínico em que ficara, então, inspirava cuidados de diversa ordem e Alice não aguentou a pressão. Disse-lhe, no dia em que o deixou - e foi esta a primeira memória pós-revolução que formou - que não o reconhecia e que todo aquele horror era demasiado para que o pudesse suportar. Edmundo, em estado catatónico, limitou-se a virar-se na cama, de costas para a porta por onde Alice saiu e não tornou a entrar.

- E o que pretendes fazer, agora?
- Pretendo verificar se outras pessoas as têm, ou se nós pertencemos a um clube tão exclusivo e secreto que nós próprios o desconhecemos.

Após um longo período dedicado a dar a Alcino uma aparência decente para sair de casa, os dois finalmente puderam dirigir-se à paragem de autocarro mais próxima, a fim de rumar à capital. Seguiram, os dois homens, como experientes estudiosos da ciência morfológica craniana, olhando as cabeças em volta, com propensão para as calvas, na esperança de encontrar a resposta que procuravam. Observaram as quatro pessoas que estavam na paragem de bus: uma senhora de chapéu – na qual seria impossível decifrar fosse o que fosse, um senhor calvo na nuca, mas de fortes raízes capilares ainda nas áreas que interessavam aos observadores, e um casal jovem, nenhum dos dois careca, muito pelo contrário. Seria praticamente impraticável decifrar fosse o que fosse nos crânios felpudos da comum população. As cabeças rapadas e a calvície estavam altamente fora de moda, para dificultar.

No autocarro escolheram sentar-se cada um num sítio diferente, por detrás das cabeças mais expostas. À frente de José um jovem recruta de cabeça rapada: não encontrou quaisquer sinais do que procurava. Alcino só conseguiu assento ao lado de um homem de meia idade de aspecto proletário e embrutecido, com menos cabelo do que José. Ousou contemplar a área acima da orelha direita do sujeito, que logo se sentiu incomodado e o olhou de frente. Tal foi o bastante para colocar um ponto final às investidas de inspecção de Alcino.

A viagem terminou em frente ao edifício da biblioteca pública, o destino por eles elegido. A construção era do tempo do governo de José, de carácter neoclássico, precedida de uma enorme escadaria que, a muito custo e por entre a chuva miúda, os dois anciãos escalaram. José, que sempre apreciara aquele estilo arquitectónico, pensava agora que, se recuperasse por minutos o poder, a primeira diligência seria mandar implodir o edifício com os seus autores no interior (questionando-se se ele próprio não teria dado o aval ao início da obra, já que os grandes projectos com o propósito de serviço público provinham da sua outorga).

Já no *hall* sumptuoso de recepção da biblioteca, perguntaram à funcionária onde poderiam encontrar a secção de anatomia humana ou psicologia. Eram corredores vizinhos, o que facilitou a procura da informação pretendida. Procuravam um atlas do cérebro humano.

Procedimentos como a trepanação não eram estranhos aos dois investigadores, que sabiam ser possível viver-se com perfurações na estrutura craniana. Eles tinham-nas, era certo. Duas uns centímetros acima das orelhas e uma que existira certamente, mas que deixou apenas vestígio na carne e nos tecidos, evitando o osso.

O motivo pelo qual, principalmente José, julgava todos terem sido sujeitos a alguma forma de neurocirurgia prendia-se com o facto de todos terem tido, imediatamente após a Libertação, problemas de ordem psiquiátrica. Todos eram indivíduos mentalmente sãos até esse dia (embora muitos disso duvidassem), e todos adquiriram problemas neurológicos após essa data, à excepção de José. Sabia também ser altamente invulgar que um homem da sua posição, após uma revolução de ideais tão diametralmente opostos entre facções, se mantivesse vivo, não remetido ao exílio, ou mesmo ao cárcere, e tão perigosamente perto dos seus pares. Sabia há muito que vivia sob circunstâncias excepcionais, mas nunca julgou que fosse o seu próprio corpo o rasto para uma resposta.

Apesar de José ter sofrido sintomas de alguma gravidade no período pós-Libertação, e de ainda hoje lhe faltar memória do que lhe sucedeu uns dias antes e meses depois dos seus últimos dias de governação, o seu quadro clínico apresentou melhoras significativas após quatro a cinco meses, tendo recuperado as memórias do período pré-revolução que durante a sua convalescença se haviam apagado. Alcino e Edmundo nunca se restabeleceram totalmente. Recuperaram a memória através dos relatos de José, em parte de forma independente, após a invocação de momentos ou símbolos-chave.

Da prateleira que estava ao nível das cabeças dos dois velhos, retiraram o volume II do Atlas Ilustrado do Corpo Humano, dedicado exclusivamente ao cérebro. Procuravam as áreas do cérebro potencialmente afectadas pela incisão de uma broca neurocirúrgica nos locais específicos em que as suas marcas estavam gravadas. Um esquema legendado das principais regiões do cérebro apontavam a área acima das orelhas como sendo os lobos temporais e a área traseira como o cerebelo. Procuravam agora algo relacionado com lesões nas áreas reveladas, relacionadas com os sintomas que haviam tido.

“Sintomas associados a lesões nos lobos temporais:

1) distúrbios no sistema de percepção auditiva, 2) selectividade da informação visual e auditiva por incapacidade de absorção , 3) irregularidades na percepção visual, 4) capacidades de organização e categorização verbal diminuídas, 5) dificuldades na compreensão verbal, 6) destruição da memória de longo prazo, 7) alterações da personalidade e do comportamento afectivo, 8) alteração do comportamento sexual.

Lesões bilaterais dos lobos temporais podem causar a perda de memória relativa ao período anterior à lesão – amnésia retrógrada.”

Perante esta informação, José e Alcino conferenciaram.

- Torna-se difícil avaliar isto... – pensava José em voz alta.
- Sim, a sintomatologia é demasiado ampla. Mas o maior problema, parece-me, reside no facto de eu não guardar memória alguma do período que se seguiu ao golpe de estado. É como se quase um ano inteiro nunca tivesse acontecido.
- Pois, eu também não tenho memória dos primeiros meses...
- Essas alterações são de carácter permanente? Se não forem, torna-se possível que tenhamos tido parte ou mesmo a totalidade dos sintomas e não guardemos agora qualquer recordação disso.
- Não encontro dados relativos a isso. Mas vejo aqui informação sobre o cerebelo.

“As lesões no cerebelo podem originar:

1) perda de coordenação motora, 2) inabilidade no que toca a avaliação de distâncias (Dismetria), 3) incapacidade para fazer movimentos bruscos e alternados, 4) tremores, 5) tendência para a queda, 6) fraca musculatura (hipotonia), 7) fala arrastada, e 8) movimentos oculares anormais.

Mais confusos do que antes, José e Alcino começaram a duvidar das suas suspeitas.

- Sei que o Edmundo ficou de cama bastante tempo, sem nunca se levantar, mas não sei se era por incapacidade motora ou mental.
- Não me lembro de ter tido nenhum desses problemas...
- Precisamente, porque o teu grande problema é a memória. O teu, o meu e o do Edmundo. É nisso que devemos concentrar-nos, devemos procurar alguma relação entre as áreas que temos lesionadas e as falhas de memória.

“O hipocampo está intimamente ligado ao processo de armazenamento mnemónico e está relacionado com a organização dos episódios vividos no tempo e espaço.”

- Este é que devia ser a terceira zona afectada, visto que aparentemente tem tudo a ver com o mantimento da memória a longo prazo.

“O hipocampo está situado no centro do cérebro, à altura dos lobos temporais. Uma lesão nesta região poderá ocasionar a amnésia retrógada - o indivíduo perderá toda a informação armazenada antes da lesão, não significando, porém, que seja incapaz de formar novas

memórias após o sucedido. A amnésia retrógrada poderá ser contrariada através da invocação gráfica ou verbal de acontecimentos passados. O doente dificilmente recuperará totalmente desta condição, mas poderá ver aligeirados, com o tempo, os sentimentos de confusão e de perda identitária.”

- O hipocampo fica no centro do cérebro, na mesma linha dos lobos temporais. Não podemos saber exactamente onde fomos afectados, mas esta também é uma hipótese. Tendo em conta os nossos sintomas, torna-se até a mais verosímil.

- Embora não possamos ter a certeza de nada, eu acho que a explicação está aqui. Que outros motivos poderiam justificar a nossa paz, Alcino? Pensa: nós deveríamos estar mortos. No mínimo, exilados. Manter-nos vivos seria um risco, em circunstâncias normais, poderíamos voltar a organizar-nos. Algum dia tiveste alguma visita de um inspector na tua casa? Algum dia entraram em busca de indícios conspirativos? Nunca, Alcino, recebi eu tal visita. Eu, o principal alvo a abater, o principal cancro potencial deste sistema, nunca recebi uma visita de um inspector, nunca fui sequer interpelado na rua por conhecidos, que não seriam poucos, certamente! Como explicas que só nós os três sobremos unidos depois de 28 anos de História nacional? Para mim, a explicação é simples.
- Mas fará sentido que nós e todos os restantes ex-membros do governo tenhamos sido desmemoriados? A revolução não é desconhecida. Existiam milhares de simpatizantes da Roda Dentada. Queres arriscar que terão apagado a memória a todos? Arriskas que os democratas submeteram a procedimentos médicos milhões de simpatizantes do regime e todos os seus antigos membros sem que haja um só registo disso?
- Não sei. – respondeu José, com ar carregado. – Mas sabes, eu nunca abri um livro de História depois de tudo. Não sei exactamente o que omitiram ou confabularam.
- Eu também não... Mas isso pode explicar porque os teus planos me suscitam tanto cepticismo. – zombou.
- E sabes tão bem quanto eu que a História é muitas vezes uma mentira conveniente.
- E que razões teriam os democratas para esconder ou ampliar os teus crimes?
- Talvez não tenham. Mas quer a omissão, quer a ampliação dos meus actos funcionam como factor dissuasor à origem de novos seguidores, e essa é uma óptima estratégia para o controlo das concepções ideológicas da geração que não viveu a revolução, ou seja, é a garantia de um futuro democrático. Pela omissão conta a ausência de consciência, e pelo aumento, o asco.
- Vou tirar essas dúvidas na secção de História.

VI

Enquanto folheava um almanaque de História, Alcino olhava fixamente o pulso direito de José. Pensava que se o propósito era apagar a memória dele, talvez tivesse sido mais inteligente terem começado por arrancar do seu corpo os sinais mais fortes do passado, naquele caso, a sua tatuagem única e de grande valor emocional.

- “A Ditadura Militar”, página 127... – sussurrou José, manuseando diligentemente as folhas do livro até à página pretendida. De pé, curvado sobre as páginas de passado que lhe contariam o futuro, afastou a cadeira da mesa e sentou-se. Era para si um momento histórico. Nos últimos quinze anos evitara o que estava prestes a fazer. Encostou-se para trás na cadeira, fixando nada, questionando-se sobre qual o motivo porque evitava aquele momento há mais de uma década. Sempre temera o final de um sonho: pôde indagar-se, até agora, sobre o porquê de todas as incongruências presentes na sua vida, livre das amarras da verdade que o estancariam (o sonho). Teria sido mais hábil da sua parte ter cumprido esta missão antes de traçar as linhas gerais dos seus planos pseudo-suicidários, disso era ciente, mas escolheu não o fazer. Encarar a realidade dos outros, uma realidade oficial, numérica, sempre fora um problema e a fuga à dor uma constante (daí ter a roda dentada desenhada a fogo um significado extraordinário: a exposição consciente à dor e a coragem que essa implica: cauterização: a queimadura terapêutica), e era assim que explicava a si próprio, auto-comiserante. Temia, mais do que tudo, ter perdido a razão ou jamais a ter tido. Tudo em sua volta estava em constante discordância com o que julgava ser a verdade, rodeavam-no o que por vezes julgava não passarem de doentes mentais de memórias volúveis. A verdade era para si uma questão de fé. Dada a um crente a possibilidade de conhecer a verdade sobre a existência divina, o mais provável seria esse escolher a ignorância, por medo da perda do conforto da Fé. O mesmo lhe sucedia, pensava. A verdade tinha como preço a pouca tranquilidade que lhe restava e por isso a protelava. Mas agora, tão perto de um plano real, tudo estava ao alcance de um relance.

Estava preparado para ler mentiras, sabia que essas fariam sentido agora, assim como faria sentido ler a verdade que não seria capaz de reconhecer. Uma batalha com um livro de História só lhe traria confusão, nunca uma confirmação. Só e apenas o mergulho de cabeça na confusão. “Não,” pensou, “o Ribeiro está comigo, há décadas que o conheço, eliminou os meus

inimigos por lealdade, foi punido como eu. Ele não está louco, eu sou lúcido, eu tenho a roda dentada na carne a provar-me que existiu.”

Pousou o olhar sobre a página 127. O título “A Ditadura Militar”, a negrito, estava no mesmo tamanho do texto. Numa leitura transversal pôde concluir que mencionavam o seu nome: “José Montenegro chefiou a ditadura militar imposta (...)” Virando a página notou que o texto relativo ao assunto preenchia apenas essa meia página. Não existiam quaisquer imagens ou ilustrações. Não viu o nome Roda Dentada escrito em parte alguma. Faziam menção ao período de guerra, ao número de vítimas, explicando de forma superficial os motivos. O período de transição não merecera qualquer alusão, estava simplesmente ausente. “Tive azar na escolha do livro.” pensou. Muitos mais havia por abrir.

- Alcino, traz-me mais dois ou três livros de História nacional, por favor. Estás a ver aqueles volumes todos seguidos? – apontava para os Volumes da História Nacional, de gordas e luxuosas lombadas – Traz-me o que se chamar Roda Dentada.

Continuou a inspeccionar o volume que tinha nas mãos, antes de receber mais dois e ouvir:

- Com “Roda Dentada”, nos Volumes da História Nacional, não vi nenhum. Nem nada que se referisse a qualquer estado autoritário. Estão dispostos cronologicamente, desde a formação do país até à última década e não há nenhum título que faça referência ao regime.
- Então traz-me o volume que corresponda ao período em que nos encaixamos, por favor.

Alcino dirigiu-se de novo à prateleira enquanto José abria o segundo livro. Procurou no índice qualquer assunto ligado à Roda Dentada e nada achou. Abriu o capítulo relativo à Democracia, que fazia a seguinte introdução:

“Após vários anos de flutuação política e crise económica, o Exército tomou o poder. O regime militar era encabeçado por José Henrique Ávila e Bivar de Montenegro, ex-Chefe de Estado Maior do Exército. Com o intuito da restauração das condições económicas e morais da nação, Montenegro insistiu na imposição de um regime de características predominantemente fascistas. Durante a vigência deste governo surgiram vários conflitos internacionais que tiveram graves repercussões económicas e sociais. Montenegro foi afastado do poder como resultado de forte e activa contestação popular e do diagnóstico de doença psiquiátrica crónica. Sucedeu António Jorge Fidalgo Sequeira, colocando em vigor o actual regime democrático, (...)”

Não existiam, mais uma vez, referências ao lado propagandístico do regime: o nome Roda Dentada não figurava, assim como quaisquer ilustrações alusivas ao mesmo.

Todos os livros que abriu posteriormente não lhe dedicaram mais de uma página. Em comum tinham a ausência de ilustrações ou de fotografias relativas ao assunto e a falta de informação respeitante à doutrina. O conteúdo ideológico era ignorado, assim como toda a máquina propagandística. A Democracia, afinal não tão democrática como fazia crer, permitia ao passado recente apenas uma breve e inane existência. Retirando todo o conteúdo ideológico e visual de circulação, numa geração se apagaria essa parcela de passado, se alienaria a possibilidade de pensamento alternativo. Tal como o seu regime restringira a entrada e saída de informação, de forma a prevenir o surgimento de pensamentos alternativos, a Democracia usava agora a mesma artimanha no sentido inverso.

Também desagradou a José o facto de que, para a História e, conseqüentemente, para a geração abaixo dos 25 anos de idade, ele tivesse sido afastado por motivos de perturbação mental. Embora tivesse chegado a pôr em causa, devido à sua memória intacta e boa saúde psiquiátrica, o facto de ter sido submetido aos mesmos procedimentos neurocirúrgicos de Ribeiro e Albergaria, todas as dúvidas se dissipavam naquele momento em que tal via descrito unanimemente, de forma eufemística e vaga, nos livros de História.

- Já viste isto, Alcino? – disse encolerizado, esforçando-se por manter um tom de voz adequado ao espaço onde se encontravam. – Escondem tudo! Como é possível que chamem a isto democracia?

Alcino debruçou-se sobre os livros abertos nas páginas respectivas, sem se ter apercebido ainda das conclusões de José.

- O quê?
- Não percebes? Olha para isso! Sabes quantas páginas temos em oito livros de História? Seis! Achas que isso condiz com 28 anos de governação?!

Alcino, nervoso, mexia em dois livros ao mesmo tempo procurando aperceber-se da extensão dos textos a que José se referia.

- Sim, é pouco, muito pouco...
- E sabes que não fazem uma única referência ao teu nome? Tu, que fizeste torturar e matar parentes dos pseudo-historiadores que escreveram esta porcaria de livro, não mereces uma só menção? E sabes o que dizem de mim? Que fui deposto por insanidade mental! – subindo o tom e a ira, chamando a atenção das pessoas na sala.

Alcino, que não se sentia o homem que mandara torturar e matar os parentes de ninguém desde há muitos anos atrás, não pôde evitar corar perante estas acusações bem

intencionadas, mas mal digeridas. Mantinha o olhar baixo, sem subordinação, enquanto ouvia:

- Não entendes o que eles querem fazer? Querem apagar a memória colectiva sem terem de abrir mais crânios! Viste alguma fotografia minha nesses livros? Ou tua? Sabes porque ninguém nos reconhece na rua? Passaram-se quinze anos, Alcino, desde que alguém te viu de farda, e do período em que a usavas todas as imagens foram banidas. Não há qualquer suporte à memória de quem possa julgar reconhecer-te.

Os nossos ideais foram abolidos secretamente dos livros, ninguém pode reproduzir com exactidão o que professávamos por não haver nenhum ponto de referência oficial, de rigor. Se falam de nós, falam mergulhados no caos das memórias partilhadas, falam de nós distorcidos por opiniões e paixões que nos roubam a nós próprios e privam os outros da verdade. Isto, se formos ainda assunto. Não há um monumento numa rua que lembre a vitória da democracia, para estar ausente o derrotado, não há comemorações, não há uma roda dentada esquecida numa parede ou num botão de punho. Não nos roubaram simplesmente o poder, eliminaram-nos para sempre da História e da memória!

- Achas que consegues eliminar da memória um parente que morreu e o seu culpado?
- Não esqueceu o Edmundo a mulher? Não a levou a democracia? Não é como se estivesse morta? O tempo leva tudo, o tempo lava tudo. Este sistema vingou os parentes dos mortos que fizemos ao expulsar-nos da sua vista. Em breve estarão velhos os que tiveram tempo de nos ver a face e os novos mal saberão que existimos.

Deixaram os livros espalhados sobre a mesa redonda da biblioteca, abertos nas páginas que tinham lido, e abandonaram o edifício.

Nessa noite, José não dormiu, vítima de uma enorme e produtiva agitação.

De manhã, debaixo de chuva, José dirigia-se à tabacaria de Raúl com uma missão. Do seu sucesso proviria a realização de um plano maior que tinha como objectivo a ressurreição da memória da Roda Dentada e a do cumprimento de uma morte à escala da sua vida pré-revolução.

A tabacaria era um quiosque verde-escuro de madeira e cobertura em ferro trabalhado. Raúl realçava não raramente e de forma efusiva ter sido ele o desenhador e construtor da estrutura em ferro. Era de alguma complexidade, “uma obra de arte”, gabava o autor.

Raúl estava sentado no interior, lendo o principal jornal nacional.

- Bons olhos o vejam. Já restabelecido?

Olhando o ex-ditador por cima dos óculos, Raúl sorriu, cansado:

- Sim. Achou cedo demais?
- De todo. Esperava ansiosamente o seu regresso.

O ar trocista que Raúl esperava achar no rosto de José estava ausente, o que provocou no seu próprio semblante uma expressão de desconfiança. Não podendo esperar mais, o ex-ditador avançou.

- Preciso falar consigo. Posso entrar?

Raúl ergueu-se pesadamente da sua cadeira de ferro e abriu a porta lateral. José entrou.

- Posso mostrar-lhe uma coisa? – perguntou, com ansiedade.
- Acho que sim... – respondeu num misto de confusão e desconfiança.

José desapertou o botão de punho direito da camisa e mostrou discretamente a Raúl a roda dentada tatuada. Raúl fitou a figura e estampou-se-lhe no olhar fixo a mais pura expressão de medo, que em segundos culminou em desmaio. Amparando-lhe a queda, José estendeu-o no chão. Examinando-lhe o crânio confirmou a sua suspeita.

VII

José não era alheio ao que o havia transformado num condutor de multidões. Não foi a sua estrutura ideológica que o colocou acima do comum mortal, nem a sua clarividência intelectual que lhe proporcionou o controlo do inconsciente das massas a seu serviço. Foram, sim, a sua inclinação para a confabulação, o seu poder de actuação em concordância com essa e a sua destreza discursiva, aliados a uma máquina de propaganda esmagadora que inundava os espíritos impiedosa e repetidamente com chavões que lhes poupavam o esforço da formulação de qualquer raciocínio.

Os ajuntamentos, durante o governo de Montenegro, apenas justificados pelos seus discursos públicos, geravam invariavelmente uma onda de hipnose colectiva. Um músculo é inerte sem um comando, como uma multidão o é sem um líder. José sabia-o e usava-se desse facto com fé cega e mestria. O contágio emocional é um fenómeno comum entre indivíduos que compõem grandes colectividades: conduz à subordinação da razão ao poder da necessidade intrínseca e inconsciente dos homens para a formação conjunta de um corpo único. A Roda Dentada concedia aos populares tranquilidade espiritual ao preço da adopção individual do espírito bélico e laboral exigido, num transe quase religioso em seu torno.

A ebulição emocional, no actual regime democrático, conservava-se em estado de latência, motivo pelo qual Montenegro esperava uma reacção explosiva de descompressão ao mais pequeno estímulo. Apesar da aparente ataraxia em que vivia mergulhado o povo, a paz que se sentia era como electricidade estática. Pairava no ar uma tensão tácita que esperava apenas um acinte para crisar e José acreditava ver reunidas as condições ideais para a sua produção.

A campanha de Montenegro tocou três vezes às dezanove horas, conforme esperava. Dirigindo-se à porta de entrada, espreitou antes pela janela, tentando perscrutar qual dos três convocados acabava de chegar. O ângulo não lhe permitiu apurar a identidade do recém-chegado que, segundos depois, abrindo o portão exterior, verificou ser Raúl. Esse carregava uma pasta de larga dimensão. Olhando-a, José inquiriu:

- Trouxeste as quatro?

Raúl confirmou, com um aceno ligeiro de cabeça. Dirigiram-se para o interior da casa, instalando-se na sala de estar. De pé, José olhava impacientemente o relógio, enquanto Raúl se acomodava calmamente no sofá.

- Já deviam ter chegado. – disse José, inquieto.
- Ainda só passam três minutos das sete.
- Mostra-me lá o que trouxeste. – pediu José, sentando-se junto de Raúl, que abriu a pasta e retirou um exemplar do artigo que havia construído.
- Deixa-me pegar-lhe.

Raúl passou-o ao líder. O último, olhando em pormenor para a estrutura, concluiu:

- Está suficientemente leve. Parece-me bem. O positivo?
- Não trouxe as letras.
- Vá, mostra-me o que tiveres.

Raúl estava prestes a retirar o positivo da mala quando soou três vezes a campainha.

- Guarda.

O anfitrião voltou acompanhado de Alcino e passou à apresentação.

- Raúl, este é o Alcino.

Os dois cumprimentaram-se. Já tinham ouvido falar um do outro, pelo que a sensação de familiaridade foi natural. Não tinham tido ainda tempo de terminar a apresentação quando tocou novamente o sinal da porta. Com a chegada de Edmundo, vieram-se agora reunidos os três convidados. José pediu-lhes que se sentassem à mesa de jantar e manteve-se de pé. Sobre a mesa estava uma garrafa de whisky e um copo-balão, do qual Alcino se apossou prontamente.

- Vou começar por te colocar rapidamente ao corrente do que se passou nas últimas semanas, Edmundo. Este – apontando para o artesão – é o Raúl. Conheço-o há quase 10 anos. Todos nós, incluindo ele, temos marcas de perfurações no crânio que, tanto quanto eu e o Alcino investigamos, supomos deverem-se a um procedimento cirúrgico que resulta na perda de saúde mental e que afecta sobretudo a memória. Desconfiei que o Raúl tivesse sido submetido ao mesmo tratamento devido ao facto de ele ter com regularidade episódios de ansiedade que em muito se assemelhavam às vossas. Há três semanas mostrei-lhe a minha tatuagem e, para ele, tudo começou a fazer sentido.

Edmundo observava Raúl, que escutava avidamente o orador. Este continuou:

- Pois bem, o Raúl, no período do nosso governo, foi um agente PPRD. É claro que eu não sabia disto quando o interpelei, julgava que ele tinha sido ferreiro. O motivo por que o fiz prende-se com o plano que elaborei na noite anterior, em que os seus predicados

assumiriam um papel de grande relevância. Com base no desenho original tatuado no meu pulso, o Raúl construiu a base de lançamento para um enorme movimento que pretendo criar, para o qual é fundamental a vossa colaboração. Felizmente, o nosso artista conseguiu recuperar totalmente do abalo psicológico da revelação em pouco tempo, graças à minha presença e instrução constantes, e conseguimos vedar a informação, pelo que apenas nós aqui presentes temos noção clara da dimensão dos acontecimentos. Cheguei a mencionar-te – disse olhando directamente Edmundo – que fizemos uma revista aos livros de História...?

- Sim. A nossa última correspondência mencionava-a.
- Tal como te notifiquei, fomos literalmente apagados da face da História. Raúl, podes mostrar-nos o que fabricaste?

O artífice colocou em cima da mesa a grande pasta. Abriu-a e retirou dela o quatro estreitas placas de metal perfuradas. José pegou numa delas, exibindo-a.

- Estão perante uma convocatória. Esta será difundida tanto quanto possível pelas ruas da capital. A invocação do passado causará a propagação de uma vaga de recuperação mnemónica. Todos os que sofreram o apagamento e os que, em prol da Democracia ou graças a ela, esqueceram a Roda Dentada assomarão, por ódio ou paixão. Os nossos meios impedem-nos de aumentar a escala da chamada, mas estou certo do impacto que terá nesta cidade. Espero uma enorme convulsão, quer por parte da população, quer por parte das autoridades, que tudo farão para neutralizar o efeito da nossa operação.

Perante tal revelação, Alcino e Edmundo mantiveram-se em silêncio, olhando gravemente o tampo da mesa à sua frente. Raúl era ciente do plano, entendeu, aquando o pedido que lhe foi feito, qual a intenção do ditador. Ovi-lo agora verbalizado não lhe causava surpresa. José continuou:

- Nunca vos escondi o meu desejo de recuperar o espírito do regime. A minha intenção é operar ao nível das consciências, anular o esforço de mais de uma década da Democracia de limpar da face da memória colectiva a verdade do passado. Isto originará, no mínimo, um atraso imensurável à acção democrática. Ressurgirão movimentos e organizações dedicados a fazer reviver a Roda Dentada. Passará a ser visível aos olhos de todos a enorme traição que foi a eliminação de factos históricos, e a submissão de tantos ao padecimento de doenças psiquiátricas.
- Não poderão saber tudo isso apenas através dessa convocatória. – notou Edmundo.

- Mas a convocatória não será em vão. Eu vou discursar e tornar tudo isso perceptível. Têm noção da dimensão da ira que causará uma revelação desta profundidade? Se pedir os cadáveres dos líderes democráticos aos populares traídos, é bem possível que mos tragam.

Por esta altura, os olhos de Alcino tinham já um certo brilho de ambição. Edmundo mantinha uma postura de algum cepticismo, mas Raúl estava, desde o início, totalmente rendido ao prazer de servir o ditador. Passaria pelo buraco de uma agulha se este o sugerisse.

- Para que não julguem que vos peço algo inexecutável, vou apresentar-vos o resto do plano. Tenho tudo calculado. Durante uma semana espalharemos pelas ruas que listei o positivo pintado do molde do Raúl – disse, retirando em simultâneo o seu bloco de notas do bolso do casaco de malha. Já comprei os sprays, estão na nossa sede, que será a oficina do Raúl, na Rua das Flores. O plano implica uma acção intensiva na primeira noite, porque é certo que da segunda em diante agentes de autoridade estarão em patrulha. No entanto, não deverão desistir. Trabalharemos o coração da capital na primeira noite. Espalhar-nos-emos por zonas mais periféricas nas noites seguintes. O importante é repetir o maior número de vezes possível a mensagem, para que dia após dia se criem novas revelações.
- Acho que seremos neutralizados em menos de 3 dias. Criar-se-á uma operação de caça ao homem de tal tamanho que rapidamente sucumbiremos. – disse Edmundo.
- Os próprios agentes não serão imunes às revelações, pelo que devemos preocupar-nos medianamente com eles. Metade neutralizaremos nós. Apenas os jovens abaixo dos 25 anos carecem de preocupação, já que esses que não têm realmente memória por recuperar, nem têm qualquer sentimento com relação ao regime. Limitar-se-ão a cumprir as ordens que receberem.
- Não podemos ignorar que não serão poucos os que têm uma aversão atroz e intencional à Roda Dentada, apesar da idade avançada.
- Porque estás a dificultar as coisas, Edmundo? – inquiriu Alcino, com irritação.
- Calma. É normal que surjam dúvidas e que vos cause alguma inquietação o envolvimento num plano desta dimensão. Não digo que vá ser fácil, mas reuniremos diariamente e reajustaremos os nossos planos às dificuldades que forem surgindo. O facto de sermos poucos é um obstáculo à difusão maciça da mensagem, mas, ao mesmo tempo, torna-se uma vantagem por nos transformar em agulhas num palheiro.
- Irão procurar-te imediatamente, José. – volveu Edmundo.
- Não duvido. Mas não conhecem as minhas ligações sociais, que são muito restritas. A única pessoa que conheço e que se encontra fora de tudo isto é a Marília, a minha

empregada. E essa pouco saberá dizer. Ela própria faz por se afastar de tudo o que tenha relação comigo. Temos uma antipatia natural. Vocês vivem sozinhos e o Raúl já justificou a sua ausência à família. O excesso de confiança deste governo nos procedimentos cirúrgicos foi o seu maior erro. Durante quinze anos viveram seguros de que não veriam nada ressurgir, e a nossa inacção só veio solidificar a sua crença. Não lhes passa pela cabeça que sejamos uma ameaça, quinze anos depois. Serão apanhados de surpresa e terão pouco tempo de se organizar convenientemente. A sua organização natural é débil, vive assente nas estatísticas criminais, que são extremamente baixas. Ficarão atordoados.

Fez-se silêncio. Montenegro podia contar inquestionavelmente com o suporte de Alcino e Raúl. Preocupava-o Edmundo, o mais lúcido dos três.

- Posso contar convosco?

Prontamente aderiram os dois que esperava.

- Sim... Tenho pouco a perder. Também pouco me agrada viver conformado. – disse Edmundo, um pouco inseguro.

José tinha noção de que apesar do impacto real do seu plano, o dia do seu discurso seria o dia do cumprimento da sua sentença. Se não tratassem disso as autoridades, fá-lo-iam os populares por vingança. Tal não o incomodava, de todo. A angariação de público para a sua execução era secretamente a base do seu plano. Mas era necessário motivar a sua equipa, fazê-la crer no triunfo, fomentar-lhe a esperança para que, pelo menos, o cumprimento das tarefas exigidas fosse assegurado.

VIII

Distribuídas as funções e os instrumentos pelos elementos, incluindo o próprio ditador, deu início, uma semana depois, a concretização do plano arquitectado. De dia, o grupo dormia e reunia e, devido à natural ausência de alusões ao acontecimento nos meios de comunicação de massas, pouco era o *feedback* que recebiam. Raúl ousou sair da sede no segundo dia, em plena luz, de forma a obter alguma informação. Viu que parte das convocatórias tinha sido pintada a negro por cima, mas que muitas ainda permaneciam nas paredes dos edifícios, bem visíveis. Assistiu ao desmaiar de um velho que, ao sair de sua própria casa, viu a gravura no seu muro. Não sentiu tumulto nas ruas, mas tal não consistia numa surpresa para José, que os convenceu de que uma operação que actua ao nível das consciências não é imediatamente visível quando a sua acção não é concentrada. O que Raúl viu, no entanto, foi o suficiente para criar alguma motivação.

Por noite, cada um conseguia fazer aproximadamente cinquenta gravuras, pelo que ao final de uma noite estavam afiançadas cerca de duzentas. As dimensões da chapa de alumínio negativa traziam por vezes dificuldades no mantimento da discricção dos activos. Os movimentos noctívagos da população eram praticamente nulos e o procedimento era extremamente silencioso, pelo que foram pontuais os casos em que tivessem tido, nas primeiras noites, quaisquer contratemplos.

Tal como previram, as autoridades tardaram na criação de um plano antídoto e a primeira reacção foi a pintura sobreposta das imagens. Mas nem essa conseguia abranger a totalidade. A equipa sentiu progressivamente o cerco apertar-se, à medida que as autoridades conseguiam assimilar o que estava a passar-se e organizar-se no sentido da neutralização do movimento. No penúltimo dia, já era bem visível a presença de patrulhas nos arredores da metrópole, pelo que a produtividade do bando foi seriamente afectada. O último dia de acção acabou por ser suspenso, porque finalmente as autoridades conseguiram reagir em conformidade. Raúl saiu durante a noite, a fim de averiguar a segurança da saída do grupo, sem levar consigo os instrumentos. Foi interpelado por um agente policial bastante jovem que lhe perguntou se desconhecia a ordem de recolher obrigatório. Raúl fingiu uma grande desorientação, o que levou o agente a insistir em levá-lo a casa. Foi o que aconteceu. Aproveitando o pretexto do seu desnorteamento, Raúl aproveitou para averiguar, de motociclo e sob protecção policial, o impacto da campanha na cidade. A maior parte das ruas encontravam-se sob vigilância policial, meia dúzia de cidadãos, exclusivamente entre a meia e a terceira idades, eram escoltados a casa por desrespeito à ordem de recolher obrigatório, tranquilamente e sem inculpação. Todas as gravuras haviam sido substituídas por borrões de

tinta negra disformes. Raúl foi deixado à porta de casa depois de meia hora de visita (por ele) guiada. A tensão era manifesta e Raúl ficara com a certeza que os danos eram suficientemente profundos para que assomassem, no dia seguinte, em multidão à Torre do Relógio os populares.

IX

Na última madrugada vivida na oficina com os seus camaradas, José dormiu um sono calmo e profundo. Desde o início manteve um ponto de interrogação sobre o planeamento da noite de 11 para 12 de Setembro, por prever que por essa data já as condições de segurança o forçassem ao retiro da campanha.

Na manhã de 12 de Setembro, Montenegro acordou às oito horas. Os seus colegas dormiam ainda. O silêncio era profundo e o fio de luz que atravessava uma falha na pintura da montra da oficina anunciava um dia de sol pleno. Não tinha muito tempo, até ao meio dia, para os preparativos do seu discurso. Devido à ausência de um chuveiro na oficina, a palavra duche era mais pronunciada do que colocada em prática havia agora oito dias, o que poupava, lamentavelmente, tempo ao ditador. No entanto, fez a barba e tratou do que pôde para se assemelhar o mais possível com o José Montenegro de há quinze anos atrás. Espalhou brilhantina no parco cabelo e com um pente puxou-o para trás. Vestiu um casaco militar escuro, já sem as insígnias democráticas, que comprara dez anos atrás numa feira de usados. Tinha, com as suas próprias mãos, cosido ao casaco os emblemas da Roda Dentada que desenhara com tinta permanente em tecido branco. O chapéu, comprado mais tarde, veio a sofrer o mesmo processo. Deste modo se ia apresentar às multidões.

Quando acordaram, Edmundo e Alcino encontraram José fardado, debruçado sobre o seu bloco de notas. Informou que escrevia o seu discurso e que gostaria de ser deixado sozinho. Alcino obedeceu, acendendo um cigarro e dirigindo-se para as traseiras da oficina. Edmundo, a sós com o ditador, confidenciou-lhe:

- Sabes tão bem quanto eu que não sou parvo, sei exactamente o que pretendes com tudo isto desde o início.
- Pois bem, se o sabes poupas-me a ter que to dizer. – replicou secamente o líder, que tinha apenas uma palavra escrita na página aberta do seu bloco de notas. – És esperto, Edmundo, sei que não precisas que to diga.

Edmundo levantou-se e José imitou-o. O último dirigiu-se à mala onde guardava toda a sua roupa e esvaziou-a para o chão, deixando dentro apenas o altifalante que trouxera de casa e o positivo da roda dentada que Raúl fabricou amarrado a um atacador. Tirou o casaco que tinha vestido, dobrou-o e colocou-o dentro da mala, seguido do chapéu. Penetrar camuflado na multidão, à civil, era a única chance que tinha de sequer chegar a subir a Torre do Relógio. Dificilmente o reconheceriam, graças à usurpação da sua imagem por parte da Democracia.

As memórias estavam mais frescas, agora, pelo que, apesar de tudo, não se arriscaria a sair sem um chapéu e uns óculos de lentes de vidro.

José dirigiu-se para as traseiras da oficina e pediu a Alcino um cigarro.

- Preciso de um favor teu, Alcino.

Alcino olhou-o com curiosidade.

- Preciso que vás lá fora e verifiques que tudo corre como planeado. Preciso saber se é seguro abandonar a oficina. São onze e meia, não posso esperar mais.

Alcino acedeu e prontamente abandonou a oficina. Voltou rapidamente assegurando que, apesar da presença da polícia, se tornara impossível deter a massa de gente que se dirigia à Torre do Relógio.

- Ótimo. É melhor sairmos um de cada vez, para não levantar suspeitas. Existe alguma patrulha aqui em frente?
- Não, só uns 200 metros abaixo.
- Eu saio primeiro.

Montenegro colocou o chapéu e os óculos e saiu, empunhando a sua mala de cabedal castanha. Dirigindo-se à Torre do Relógio, invadiam-no pensamentos contraditórios de medo e atracção. Nunca colocou em questão o seguimento do seu plano, mas ao mesmo tempo não podia deixar de se sentir um condenado. Sem titubear um passo, – passos esses que contava, um a um, e que pareciam não ter fim – seguiu inabalável em direcção à Torre. O relógio da torre marcava as onze e cinquenta minutos quando a avistou. A uns quarenta metros da Torre, teve de começar a furar a multidão, para se aproximar da estrutura que o esperava. Todos mantinham um silêncio solene. O silêncio, quando conquistado por milhares, é algo que sacode a alma de um homem. Resolveu estacar entre os populares e desfrutar da paradoxal paz que se fazia sentir, imaginando que aquele som (que o não era) seria a banda sonora da sua própria morte. Limpando uma lágrima que lhe fugira por debaixo das lentes, José tornou a mirar o relógio, que apontava para os três minutos para o meio dia. Iniciou de novo a marcha fúnebre para a Torre. Existia uma orla vazia em seu torno, como se a população estivesse perante algo horrível e, ao mesmo tempo, de atracção irreprimível. A Torre do Relógio era uma estrutura singular: as escadas pelas quais as pessoas podiam subir eram tapadas, na frente, mas não o eram na rectaguarda, e lá em cima existia, acima do relógio, um pequeno miradouro. Era desse de onde Montenegro pretendia discursar. Nas escadas, José retirou o chapéu e os óculos. Abriu a mala e vestiu o casaco. Colocou ao peito o positivo alumínico da

roda dentada, suspenso por um atacador. Pegou no megafone, pôs o chapéu oficial na cabeça e retomou a subida.

Chegado lá acima, esperou pelo ressoar da última das doze badaladas para assomar à multidão. A roda dentada no seu peito resplandecia à luz do meio dia. José olhou para baixo, verificando estar uns cinco metros acima da multidão. Assim que o fez, a massa de gente manifestou-se. Entre os milhares de apupos e aplausos, José não se perturbou, mantendo a postura eminente que sempre o caracterizara. Pousando o megafone na bancada, o ditador abriu os dois braços em direcção ao céu enquanto fitava directamente a multidão. As manifestações multiplicaram-se, sendo agora mais evidentes os sinais de aclamação. José sorriu, altivamente, retirou o chapéu da cabeça e segurou-o junto ao peito. A multidão mantinha os ânimos elevados, mas vendo a mão esquerda do líder alcançar o megafone, o silêncio foi, em parte, estabelecido. Para que a voz não lhe tremesse, Montenegro respirou fundo, mantendo em suspenso a multidão, e iniciou o cântico, firmemente:

*Roda Dentada, Roda Dentada,
Tem o poder da força motriz.
Guiar-te-á na tua cruzada
Contra inimigos e povos hostis.*

Perante o hino, a multidão dividiu-se. Se muitos eram os que vaiavam Montenegro, mais eram os que, contagiados, contaminados!, ou de coração clamavam o hino do regime.

*Roda Dentada, Roda Dentada,
Muda o sangue, mantém-se a raíz.
Com a fama elevada da tua armada
Serás a mais forte entre as mais viris.*

*Roda Dentada, grande engrenagem,
Brava e unida é a tua nação.
Nos dentes a voz da tua coragem,
No peito o bater de um só coração.*

Mal terminado o hino, José inclinou-se sobre o seu público. Olhou os rostos, triunfante, onde pôde ler a emoção suscitada apenas pelo ódio ou amor. Era inegável que a sua presença e a memória da Roda Dentada provocavam nos corações tudo menos a indiferença. Considerava a vibração de um povo vivo, em todas as acepções do termo, passados tantos anos e a seu

mando, uma vitória da Vida, mais do que a de um regime. Montenegro tornou a empunhar o altifalante, criando novo abrandamento às manifestações. Iniciou, eloquente:

- Ao que assistis hoje é o triunfo da Vida sobre a Morte. Todos vós, desde a queda da Roda Dentada, não sois mais que cadáveres andantes! É hora...

A multidão, algo agitada, suspendeu toda a acção quando lhes feriu o som de três baques estridentes. O corpo de José Montenegro foi, nesse instante, atingido por três balas que o trespassaram. O primeiro tiro atravessou-lhe o crânio, esvaziando-lhe o olhar. O segundo, de raspão, rompeu o seu casaco oficial. O terceiro, por fim, perfurou a roda dentada de metal luzente que trazia ao peito, o frágil escudo do seu impreterido coração. Tombaram em simultâneo da Torre do Relógio o orgulho de um ditador e a sua pele.